

## PLANO VAIVÉM: A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO UMA PRÁTICA CARTOGRÁFICA

*TO-AND-FRO PLAN: THE CULTURAL MEDIATION AS A CARTOGRAPHIC PRACTICE*

**Amanda Ehrhardt Cherici Nogueira** / UFMG

**Tatiana Duarte Menezes** / JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia

---

### RESUMO

O seguinte artigo visa construir uma reflexão sobre a utilização da cartografia como metodologia para ações de mediação cultural, a partir do relato da investigação que durou cerca de três meses, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) em Brasília, Distrito Federal, Brasil, no âmbito do Programa CCBB Educativo — Arte & Educação, realizado pelo JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia, entre setembro e novembro de 2019. Mediante a necessidade de elaborar estratégias de mediação que pudessem ser mais significativas ao público, por conta das diferentes experiências com o espaço expositivo e com as artes visuais, o método cartográfico foi escolhido como solução integradora entre sujeito, patrimônio e saber, transformando a atividade numa experiência de mais autonomia do indivíduo no seu próprio processo formativo.

### PALAVRAS-CHAVE

Mediação cultural; Cartografia; Metodologia; Arte e educação.

### ABSTRACT

*The following article aims to create a reflection on the use of cartography as a method of cultural mediation actions, based on an investigation that lasted about three months, at the Banco do Brasil Cultural Center (CCBB) in Brasília, Distrito Federal, Brazil, within the scope of the CCBB Educativo - Art and Education Program, carried out by JA.CA - Center for Art and Technology, between September and November 2019. Due to the need for elaborating mediation strategies that could be further meaningful to the public, because of the different*

*experiences within exhibition spaces and with visual arts, by people visiting, the cartographic method was chosen as an integrating solution between individuals, heritage and knowledge, transforming this activity into an experience that gives more autonomy to individuals within their own educational process.*

#### **KEYWORDS**

*Cultural mediation; Cartography; Methodology; Art and education.*

### **Apresentação**

Mediante um público plural, o cotidiano como educadora no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Distrito Federal (DF), demandava a elaboração de estratégias que pudessem acolher as diversas identidades que transitaram pelo espaço todos os dias.

Eram considerados público, todas aquelas pessoas que de alguma forma usufruíam do espaço e das atividades culturais ali realizadas. Podem ser destacados em meio a essa pluralidade, três tipos de perfis frequentes no espaço, sendo eles: visitantes regulares, ou aqueles que se organizaram para ir até o espaço participar de alguma das atividades; funcionários, ou aqueles presentes com regularidade porque o espaço é seu local de trabalho; e turmas agendadas com o programa educativo.

Foi observado que os grupos de visitantes eram compostos de maneira heterogênea em sua maioria, porque além de incluir diferentes perfis de público, a familiaridade de cada pessoa com o ambiente cultural e, principalmente com atividades de artes visuais, era variada. Mesmo aqueles que tinham uma rotina de trabalho dentro do espaço expositivo não apresentavam o mesmo tipo de intimidade com o lugar. Nos diferentes grupos, alguns se sentiam mais ou menos confortáveis para explorar o espaço e por isso a visita acabava por se tornar, por vezes, uma experiência excludente.

Muito mais do que levar informações gerais, segundo o Caderno da Política Nacional de Educação Museal (2018), para mediação cultural é importante considerar as necessidades de cada público, porque esta atividade pressupõe a construção do saber através da troca e do acolhimento. Portanto, o propósito de toda e qualquer mediação fica comprometido ao se tornar uma prática seletiva, sendo ou não a sua intenção primeira.

A exposição Vaivém, em cartaz no CCBB DF nos meses de setembro, outubro e novembro de 2019, por abordar questões sobre o narrativas decoloniais na artes visuais, estabeleceu o cenário propício para a investigação de uma proposta que pudesse tentar suprir as lacunas apresentadas anteriormente e transformar a mediação num espaço de construção coletiva, onde as pessoas são reconhecidas através das suas biografias, corpos e vivências e por isso, participam ativamente do seu próprio processo de formação.

Serão apresentados em seguida, alguns pensamentos e reflexões resultantes do processo de investigação, que percorrem a mediação como uma prática cartográfica; o relato de uma atividade que aconteceu no Espaço de Convivência, intitulada “Desenho de minuto”; a descrição do Plano Vaivém, a estratégia de mediação elaborada, através do relato de uma das visitas realizadas; e, por último, algumas observações sobre o estudo.

### **O mediador como cartógrafo**

Mediar, segundo o dicionário online Priberam, consiste num verbo intransitivo que pode ser definido, entre outros sentidos como “ficar no meio”<sup>1</sup>. O ato de mediar, ou a mediação, de maneira geral, pode ser descrita como uma posição de inserção em um meio, a qual permite que o indivíduo incluído nesse ambiente opere uma série de ações entre os elementos que compõem este espaço. A mediação pode ser apontada como um ato em diversos contextos, como por exemplo em conflitos, debates, discussões, negociações, e entre muitos outros.

A mediação cultural por sua vez, é uma atividade educativa realizada principalmente em espaços e eventos culturais. Por consistir numa ação dialógica, o reconhecimento da identidade das pessoas presentes nos espaços culturais, seja qual for o seu papel no espaço (público, artista, funcionário, educador, curador, etc.) é um valor desse exercício, como aponta o Caderno da Política Nacional de Educação Museal (2018, p. 85):

A mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao outro, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos. Podemos denominá-la como “mediação cultural”.

Escolher a cartografia como um método para a mediação implica, sobretudo, na construção de uma estratégia que estabelece pistas, ou alguns pontos-chave, que servem de guia para o mediador, que deve auxiliar durante a atividade a costura entre coordenadas oferecidas pelo público e por ele mesmo.

No meio, a relação entre o mediador e o público compreende uma relação breve que raramente tem chances de se prolongar para além daquele ambiente. Deste modo, a cada grupo que entra em contato, o mediador se vê, como um cartógrafo.

O mediador, na prática, desenha um mapa, traça linhas imaginárias entre as informações apresentadas pelo contexto da atividade (conteúdo curatorial, informações históricas, etc) e as percepções, segundo Certeau (1994), que partem do reconhecimento de si e do outro. As suas ações consistem, em outras palavras, em operar transformações no espaço na mesma medida em que é transformado por ele. O resultado é um tecido de conexões e pensamentos formulado coletivamente no momento da visita.

### **A mediação como prática cartográfica**

No caso da presente investigação, foram estabelecidas três pistas para o desenvolvimento das ações: o sujeito, o patrimônio e o saber.

O sujeito são as pessoas de todas as idades que circulam nos ambientes e que trazem consigo diferentes identidades, narrativas, vivências e biografias. É o público.

O patrimônio é o espaço arquitetônico, político, histórico do museu ou centro cultural. É o conjunto material e imaterial que abriga as coleções, eventos e exposições e também a série de obras e objetos, tradições e pensamentos, guardados nesses espaços.

O saber é o conteúdo intelectual que permanece no projeto curatorial, nas discussões e ideias que provocam as obras e em relações pouco ou muito explícitas com áreas do conhecimento como a arte, a filosofia, a sociologia, a matemática e entre muitas outras. É um conjunto de entendimentos sobre o mundo e sobre as coisas.

A mediação que começa no encontro político entre o subjetivo, o espaço e o conhecimento, como uma prática cartográfica que aparece para interligar todos esses pontos, tendo em vista que eles podem existir durante a atividade com pouca ligação.

É interessante que as linhas traçadas entre as pistas sirvam na verdade como uma perspectiva de dilatação da experiência cultural e, que na prática elas funcionem como ações alternativas aos gestos comuns dentro da mediação, como por exemplo, o percurso ser guiado pelo mediador ou mesmo por um modelo muito comum e repetitivo que leve o grupo a se deslocar e perceber tudo de uma forma automática.

Considerando o sujeito, o patrimônio e o saber, o mediador deve, para desenhar as linhas, estabelecer coordenadas ou pequenos procedimentos que, em conjunto no momento da visita, construam um deslocamento pelo espaço que proponha uma vivência do espaço através da combinação do encontro entre a experiência subjetiva, sensorial e intelectual.

Dentro da experiência, guiado pelos interesses e singularidades do grupo, o mediador tem a chance de reconhecer as individualidades presentes e construir coletivamente, o momento de mediação.

### **Plano Vaivém**

O Plano Vaivém, como foi chamada a estratégia de mediação que deu origem à reflexão sobre a mediação enquanto uma prática cartográfica, foi elaborado sob orientação da coordenadora pedagógica do projeto educativo e consiste na construção coletiva de uma experiência durante a exposição Vaivém.

A mostra é um desdobramento da pesquisa de doutorado do curador, Raphael Fonseca, sobre as redes de dormir e seus possíveis sentidos discursivos. A exposição apresentou, entre 2019 e 2020, nas quatro unidades do CCBB, localizadas em São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, obras de diferentes artistas e períodos que atribuíam às redes de dormir variadas discussões políticas, formais, históricas, etc.

No CCBB DF, a montagem da mostra ocupou duas galerias e o pavilhão de vidro. Além disso, contava com a disposição de um Espaço de Convivência montado no vão central do Edifício Tancredo Neves projetado por Oscar Niemeyer, parte do centro cultural.

### **Desenho de minuto**

Antes de chegar ao Plano Vaivém, foram muito importantes as atividades desenvolvidas no Espaço de Convivência, durante o primeiro mês de exposição. Neste espaço foi possível começar a construir um pensamento cartográfico que resultou na concepção prática e teórica do plano.

O espaço de convivência é uma contrapartida da produção de uma exposição patrocinada pelo Banco do Brasil para o Programa Educativo. Esse espaço é projetado pelo JA.CA (designers, coordenação, educadores), tendo em vista os conceitos e reflexões suscitado, é itinerante, sendo instalado em cada cidade e centro cultural que recebe a mostra, de acordo com o ambiente arquitetônico. Os educadores habitam o espaço de convivência ativando o público.

Na Vaivém, esse espaço de convivência refletiu sobre a questão do tempo na contemporaneidade e a sensação de sua rapidez, como são vistos os espaços de descanso e o ócio, muitas vezes de forma pejorativa, numa sociedade que considera que tempo é dinheiro; e que desconsidera o tempo de descanso como de geração de ideias, reflexão, contemplação, ou para o restabelecimento do corpo e da mente.

Para essa exposição, a coordenação pedagógica fez uma proposta para que os educadores desenvolvessem uma pesquisa dentro desse espaço, com encontros periódicos de partilha, reflexão e acompanhamento. Surgiram vários projetos de ações com o público, entre eles o “desenho de minuto”, projeto que foi o princípio do Plano Vaivém.

A proposta do desenho de minuto partia da ideia de aproveitar o tempo livre como lugar favorável para perceber o espaço, o corpo e os nossos deslocamentos, que acabam passando despercebidos com a correria do tempo e pelas comodidades e facilidades do mundo em que vivemos, segundo Krenak (2019).

O público do espaço de convivência foi convidado a perceber, após breves diálogos sobre a mostra, o espaço do vão central e a composição do seu piso, uma sequência de quadrados pretos, que compunham uma imagem monocromática bem debaixo dos nossos pés. No seguinte momento, eram convidados a realizar um percurso à sua maneira por aquele espaço durante três minutos e a desenhar em um minuto, o percurso percorrido. Os tempos que requisitavam contagem, foram cronometrados em ampulhetas disponíveis no Espaço de Convivência.

Dos visitantes que se interessaram em participar da proposta, se destacam Rafael, 5 anos, e Joana, 6 anos<sup>2</sup>. Rafael chegou ao espaço de convivência no seu patinete, atraído pelo mobiliário, que incluía um puff, esteiras, uma mesa com banquetas e uma estante com relógios e marcadores de tempo. Queria saber o que era tudo aquilo e não hesitou em fazer muitas perguntas curiosas, o que deu abertura para uma conversa sobre o passar do tempo, a exposição e suas visitas ao CCBB. Ele foi convidado em meio ao diálogo a reparar nas formas do piso e seu entusiasmo estabeleceu uma oportunidade para convidá-lo a participar do “desenho de minuto”.

Ele não se demonstrou hesitante nem por um segundo, e seus pais, de quem estava acompanhado, o incentivaram a participar. No primeiro momento, de construção do percurso, se deslocou no espaço, com a atenção dividida entre a ampulheta e os detalhes do piso. Na etapa seguinte, a maior parte do minuto para registro da ação foi gasto lembrando a sua movimentação corporal e, com um traço contínuo, não muito rápido, ele desenhou seu deslocamento. Ao final, ele refez o percurso e se demonstrou satisfeito em reconhecê-lo através do desenho.

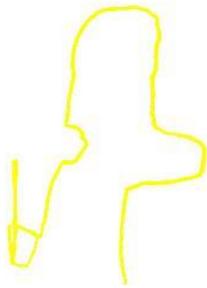


Figura 1. Rafael, Desenho de minuto, 2019.

Joana, por outro lado, chegou acompanhada do seu pai, com o olhar fixo nas cores dos lápis e canetas para desenho, dispostos sobre a mesa. Assim que se sentou, agarrou os materiais para começar um novo desenho, mas logo os soltou, com a orientação de seu pai. A conversa sobre o passeio deles e sobre a mostra, fluiu com um pouco de ansiedade pela parte de Joana em desenhar, até que proposta foi explicada. Num primeiro momento, ela não se interessou, disse com todas as palavras “que era muita pressão”. Seu pai insistiu para que desse uma chance a proposta e na tentativa de quebrar sua resistência, sugeriu que depois da sua realização ela fizesse um desenho livre, exatamente como ela queria. Só assim Joana concordou em participar do “desenho de minuto”.

Ainda sim, antes de iniciar, foi explicado que o resultado não era um motivo de expectativa e que o ponto de interesse era na verdade, a experiência. Ela resolveu contar os quadrados do piso, e desenhar igualmente, contando. Todas as ações foram desenvolvidas com lentidão, provocada pela hesitação que Joana estava sentido desde o começo. Quando finalizou a proposta, ela sorria muito, demonstrando um tipo de alívio e até um certo divertimento. Por fim, virou a folha e desenhou a si e a educadora, reconhecendo as características físicas das duas e falando muito feliz sobre uma nova amizade<sup>3</sup>.

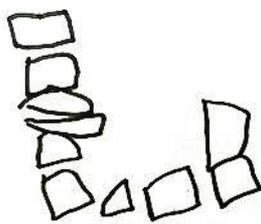


Figura 2. Joana, Desenho de minuto, 2019.

Entre muitos outros projetos que foram realizados no espaço, a coordenação pedagógica, acompanhou e promoveu momentos de partilha, troca e diálogo entre os educadores, em reuniões periódicas, provocando e instigando. Garantindo que a equipe pudesse estar envolvida e interessada em seus próprios entrelaçamentos, percebendo a potência de intervenção desse ambiente, tornando-o fértil, e a possibilidade de uma pesquisa pessoal imbricada com a proposta do programa educativo. A equipe pode vivenciar a pesquisa com seus sucessos e não sucessos, fazendo pensar, criar, vivenciar, avaliar, reformular e desdobrar as propostas em outras ações. Como se deu com o Plano Vai e Vem, que refletiu sobre o corpo e seu deslocamento, metodologias e métodos de mediação cultural, desdobrando a proposta para outros espaços dentro da programação, com o público da comunidade escolar.

### **O plano em ação**

O Plano Vaivém surge da necessidade de extrapolar a discussão teórica tanto sobre a diversidade de identidades, biografias e narrativas, presente em muitos aspectos da mostra, quanto sobre permitir maior troca ou interlocução na mediação cultural. Para tanto, o plano se baseia em ações de reconhecimento de si, do espaço e do conhecimento, por parte dos visitantes.

Essa estratégia de mediação visa oferecer, por meio de uma experiência que se inicia como uma brincadeira, um momento de apropriação coletiva do espaço e do discurso cultural. Realizada com quatro grupos agendados, consistiu em momentos de acolhimento, ação de percursos, exploração do espaço e diálogo, sucedidos nessa ordem.

Em outras palavras, ao chegar ao CCBB DF, o grupo era recebido com informações sobre o centro cultural e sobre a exposição, depois tinha um instante para composição de percursos, um momento para circulação pelo espaço da exposição e por último, um diálogo sobre toda a experiência.

Para descrever com mais detalhes todas as etapas do plano, nos próximos parágrafos será relatada a visita do grupo de 25 alunos de uma instituição pública de Brasília, no Distrito Federal, que cursavam diferentes anos do Ensino Fundamental — Anos Finais<sup>4</sup>, tinham entre 12 e 18 anos e vieram acompanhados da escola por duas educadoras.

O grupo foi recebido no vão central, perto do Espaço de Convivência, seguido de um momento de conversa sobre as suas vivências em espaços com artes. Era, sem exceção, a primeira visita de todos os alunos presentes ao CCBB. Nos instantes



Durante essa etapa, era notável a transformação da percepção da duração do tempo, que se passava de um dado abstrato e imaginário para algo físico e concreto. Foram observados os efeitos dessa mudança durante o momento de desenho dos percursos. O grupo inteiro, por causa da observação entre execução dos caminhos e contagem do tempo, traçou com muito mais confiança os mapas dos seus movimentos no espaço.

Ao circular pelo espaço da exposição, os alunos deveriam permanecer com seus respectivas células e serem guiados pelos mapas desenhados por eles. Não existiram orientações que estabeleciam pontos de início e de chegada, por isso, foi indicado que escolhessem ambientes conforme seus próprios interesses, mas que pensassem sobre as obras presentes no percurso e no movimento coletivo que isso implicava. A seleção trouxe um breve instante de circulação geral, onde cada célula pôde saciar um pouco da curiosidade de ver o que era uma mostra de artes visuais já que por unanimidade, aquela foi a primeira vivência desse tipo.

A tendência deste grupo e dos outros que participaram desta pesquisa, foi repetir a forma do percurso no vão central, dentro da galeria: aqueles que realizaram contagem dos quadrados, fizeram contagem de passos; os que fizeram fila indiana, permaneceram em fila indiana, etc.

Esse momento foi de uma série de descobertas: primeiro do espaço, a arquitetura da galeria, os materiais e suas estruturas como elevadores, escadas, entre outros; segundo da relação do corpo com o espaço, o gelado do ar condicionado, o eco dos passos; e terceiro da sua relação de afetos, desafetos e indiferenças com as obras expostas na galeria.

Por último, todo o grupo foi reunido e convidado a selecionar obras de interesse para a discussão. As obras foram elegidas no caso deste grupo, principalmente seguindo o critério de estranhamento, que começou na maior parte das vezes por conta dos formatos e materiais. Não demorou muito para que a maioria expressasse alguns dos seus pensamentos e logo, construímos juntos, diálogos que percorriam a arte e história, partilhamos memórias afetivas, acontecimentos, fatos noticiados e sonhos. No fim, criamos possíveis narrativas para o futuro.

## **Conclusões**

O uso da metodologia cartográfica durante uma atividade de mediação cultural, presume que o educador, assim como o cartógrafo, tem a função de compor durante a prática, um tecido de conexões entre as pistas e coordenadas estabelecidas

previamente por ele e os dados e narrativas oferecidos pelo público no momento da visita.

No caso desse texto, a metodologia cartográfica surge como resposta à urgência de acolher as diferenças dentro de uma atividade de educação museal, e traz como pistas a subjetividade, o espaço e o conhecimento, que logo se transformam em coordenadas para a execução de uma experiência dentro e fora do espaço expositivo. A aplicação dessa metodologia estabeleceu, por parte de cada pessoa participante, relações com seu corpo, identidade e biografia; com o patrimônio material e imaterial dos locais que abrigam os eventos, exposições e acervos culturais; e com as múltiplas formas de conhecimento acadêmico, tradicional, ancestral e empírico, simultaneamente. Estes aspectos da pesquisa, auxiliaram a criar um contexto mais acolhedor e autônomo para as diferentes pessoas presentes em grupos visitantes ao centro.

Além disso, a mediação como uma prática cartográfica que se iniciou aqui para solucionar um problema pontual, apresenta através do seu processo e resultado, um lugar abundante para ampliar e aprofundar a pesquisa metodológica na área de mediação cultural.

## Notas

---

<sup>1</sup>A definição de "mediação" foi extraída do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/media%C3%A7%C3%A3o>> Acesso 20 maio 2020.

<sup>2</sup> Os nomes apresentados no corpo deste texto, são na verdade, nomes fictícios usados para proteger a identidade das crianças participantes da atividade.

<sup>3</sup>A imagem do desenho realizado por Joana não foi anexada como forma de manter o seu anonimato completo, tendo em vista que o seu teor apresenta descrições da sua aparência física.

<sup>4</sup>O termo "Ensino Fundamental — Anos Finais" foi extraído da Base Nacional Curricular Comum, o qual define uma das etapas da educação básica no Brasil.

<sup>5</sup>Segundo Certeau (1994, p.204), um caminho consiste em "uma série de unidades que têm forma de vetores seja 'estáticos' ('à direita', 'à sua frente', etc) seja 'móveis' ('se você dobrar à esquerda', etc)" e, um conjunto de caminhos compõe um percurso, ou uma ação do deslocamento.

## Referências

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. (p. 52-75). In: PASSOS; Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p. 52-75.

BRASIL (Governo Federal). Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. S. data, 598p. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**, vol.1. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1994, p. 352.

FONSECA, Raphael (org.). **Vaivém**. São Paulo: Conceito, 2019. 320 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, 2018. 132 p. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2020. BANDEIRA, Ana; ROCHA, Cleomar; DALLA DÉA, Vanessa. **Se inclui: formação docente para inclusão e acessibilidade**. Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

### **Amanda Ehrhardt Cherici Nogueira**

Mestranda na linha de Artes Plásticas, Visuais e Interartes na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Bacharela em Artes Visuais (UnB). Atuou como educadora no Centro Cultural Banco do Brasil em Brasília em 2019 pelo Programa CCBB Educativo — Arte & Educação, realizado pelo JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia e além disso, foi mediadora em exposições e eventos no mesmo centro e na Funarte (DF). A produção poética apura principalmente o tempo. Contato: [ehrharttamanda@gmail.com](mailto:ehrharttamanda@gmail.com).

### **Tatiana Duarte Menezes**

Coordenadora Pedagógica do Programa CCBB Educativo (DF). Mestre em Educação em Artes Visuais pela UnB, apoio CNPq. Licenciatura (2013) e Bacharelado (1998) em Artes Plásticas (UnB). Especialista em Arterapia em Educação e Saúde (2009). Atuação no curso de Licenciatura em Artes Visuais (UnB), modalidade à distância (2013-2020). Experiência em Educação em Arte Visuais na área de Saúde e Social. Desenvolve poética com ênfase no corpo. Contato: [tatianaduartebsb@gmail.com](mailto:tatianaduartebsb@gmail.com).